

Simpósio Temático 6

Antonio Tadeu Santos Barbosa
Universidade do Estado da Bahia

Título da Comunicação: Negros e Itinerantes: vivências cotidianas em Currálinho (1860-1900)

RESUMO: Esse estudo tem como propósito analisar os rastros das vivências cotidianas entre escravos, libertos e homens/mulheres livres pobres no Currálinho – atual Castro Alves-BA –, nas últimas décadas do século XIX. Para tanto, torna-se fundamental reconstituir a trajetória da população negra dessa localidade, para compreender as suas variadas formas de vivências cotidianas no contexto escravista, sejam elas através do trabalho, família e compadrio, o que implica pensar também nos laços de solidariedade e amizade. Assim como refletir sobre os espaços de autonomia vividos pelos egressos da escravidão, no período pós-abolicionista.

Pelas informações encontradas em livros que contém relatos de viajantes, podemos pensar Currálinho, entre os anos de 1860-1900, como uma comunidadeⁱ influenciada culturalmente por duas regiões com demarcações econômicas e sociais distintas, uma vez que era uma localidade de pouso por onde passavam tropeiros, vaqueiros e viajantes, os quais, quase sempre, conduziam boiadas em direção ao sertão baianoⁱⁱ. Viajantes que saíam do recôncavo em direção ao interior da província baiana, visualizavam-no como parada estratégica, pois poderiam repor as cargas alimentícias e descansar por alguns dias para, deste modo, adentrar regiões mais “inóspitas”, conforme definição do viajante Miguel Pereira da Costaⁱⁱⁱ.

Além disso, por muito tempo Currálinho pertenceu política e administrativamente à Cachoeira, cidade situada no recôncavo baiano^{iv}. Localizada numa zona de transição entre o recôncavo e o sertão^v, podemos encontrar em diferentes partes de Currálinho, atual Castro Alves-BA, biomas diversos como a mata e a caatinga, o que, de certa forma, influenciou os proprietários de pequena lavoura e fazendeiros, em sua maioria senhores de escravos, para a escolha do plantio e cultivo de mandioca, fumo ou, então, para a criação de gado^{vi}.

Nesse contexto, percebemos a composição de um campo propício ao estudo do entrecruzamento de aspectos econômicos, sociais e culturais resultantes de realidades distintas do ponto de vista regional. Dessa forma, ter Currálinho como objeto de pesquisa significa trazer, além de contribuição para a historiografia brasileira, uma nova leitura das vivências cotidianas, tecidas entre diversos sujeitos que ali habitavam e pousavam, e que, conseqüentemente, passavam por experiências diárias “singulares”, vividas neste local, trazidas tanto do sertão quanto do recôncavo baiano clássico (Refiro-me ao recôncavo dos grandes engenhos de açúcar)^{vii}.

Para tanto, importa-nos saber quem eram esses homens e mulheres e de que modo compuseram suas vivências cotidianas diante do contexto escravista e pós-abolicionista das últimas décadas do século XIX. Interessa-nos, também, compreender como os escravizados elaboraram suas vivências cotidianas quando estavam sob o domínio senhorial e de quais artifícios usaram para conquista de espaços de autonomia no contexto escravista e, após a liberdade, no pós-abolicionista.

O recorte temporal estabelecido, 1860 – 1900, contextualiza os momentos de maior contestação do sistema escravocrata, até a sua total supressão, em 1888. A criação da

lei do Ventre Livre (1871) e dos sexagenários (1885) acabou promovendo um significativo aumento do contingente de libertos. A partir desse momento, nota-se, além da contribuição dessas leis, a ampliação e adesão de diversos setores da sociedade imperial aos ideais abolicionistas, contribuindo assim para o aumento da população egressa da escravidão. Decidimos adotar os treze anos posteriores à abolição e os doze anos anteriores à Lei do Ventre livre, com a finalidade de compreender as variadas formas de mobilidade dos sujeitos sociais, em meio às suas vivências cotidianas, tanto no contexto escravista quanto no imediato pós-abolição.

Para a fundamentação teórica, estamos dialogando com historiadores que se debruçaram no estudo da historiografia escravista do sudeste do Brasil, recôncavo e sertão baiano, como Maria Cristina Wissenbach, João José Reis, Bert Jude Barickman, Walter Fraga Filho, Isabel Cristina Ferreira dos Reis, Wellington Castelucci Junior, Raphael Rodrigues Vieira Filho, Maria de Fátima Pires, Erivaldo Fagundes Neves, entre outros. As fontes que estão sendo analisadas são os processos criminais, processos cíveis, ações de liberdade, inventários post-mortem, autos de arrecadação de bens, livros de registro de batismo, casamento e óbito, além das correspondências trocadas entre as autoridades. As informações coletadas através do cruzamento das fontes históricas, feitas através do método indiciário, servirão para compreender como os sujeitos sociais compuseram suas vivências cotidianas no contexto escravista e pós-abolicionista das últimas décadas do Século XIX.

ⁱ Para a pesquisa, entendemos o conceito de comunidade como “[...] uma "Construção Sociológica". É um conjunto de interações, comportamentos humanos com significado e expectativas entre os seus membros. Não se trata apenas de uma ação isolada, mas de um conjunto de ações que têm como base a partilha de expectativas, valores, crenças e significados entre os indivíduos”. Ver: BARTLE, Phil. **O que é uma comunidade**: uma perspectiva sociológica. Tradução Sofia Ferreira Fernandes. Disponível em: <http://www.scn.org/mpfc/whatcomp.htm>. Acesso em: 02/04/2011. s/p

ⁱⁱ TEIXEIRA, Aurino de Azevedo. Informações Históricas sobre a Cidade de Castro Alves. 1990.p.05.

ⁱⁱⁱ “[...] d’esta a outro dia se vai ao curralinho, fazenda de gado, em que precisamente há a demora de alguns dias por ser a paragem em que os mineiros e mais gente que passa para o sertão fazem provimentos de carne, comprando cada um o número de cabeças á proporção da sua comitiva ou comboi, e mandando-as matar para secar ao sol ou ao fogo, assim por ter mais duração de passar a travessia, (denominava-se “travessia” o trecho do semi árido inóspito e seco, dominado por índios arredios à invasão dos brancos) como por serem menos os cavallos, que além da mais equipagem se deve novamente compra para o transporte da dita carne, a para os mais mantimentos que n’este sítio se fazem, que posto n’elles os não haja, ficam as roças quatro leguas, onde cada um manda buscar os de que se carece, sendo a carga ordinaria de cada cavallo quatro arrobas”. Ver: NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta (org). **Caminhos do Sertão**: ocupação territorial, sistemas viários e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Editora Arcádia, 2007.p.28-29.

^{iv} “Dentro do ponto de vista político-administrativo, Cachoeira era uma comarca formada por cinco municípios”. Entre estes, Curralinho. Ver: SOUZA, Jacó dos Santos. **Vozes da Abolição**: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana (1887-1889). Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia. Santo Antonio de Jesus-BA, 2010.p.27.

^v Sobre a questão da localização de Curralinho (atual Castro Alves-BA) entre o recôncavo e o sertão baiano, ver: SOUZA, Hanilton Ribeiro de. **O Povo e o Poder**: a partilha do poder local e o desenvolvimento de Castro Alves-BA. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. Santo Antonio de Jesus-BA, 2008.p.75-79.

^{vi} É notória a diversificação dos plantios dos fazendeiros e/ou proprietários de pequenas lavouras do Curralinho. Os 56 inventários até agora levantados sinalizam para uma economia agrícola diversificada, com preponderância para o fumo, mandioca, além da criação de gado.

^{vii} Refiro-me ao recôncavo dos grandes engenhos de açúcar. Ver: FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade**: história e trajetória de escravos e libertos na Bahia. Campinas. Editora Unicamp, 2006. Principalmente o primeiro e segundo capítulo.